

Política Suja?

Gary DeMar

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

O primeiro capítulo de Gênesis termina com essa avaliação da criação de Deus: “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” (1:31). As coisas em si mesmas não são necessariamente más. A “árvore do conhecimento do bem e do mal” não era má. Mesmo quando Adão e Eva comeram o fruto, tal fruto não era mau. O Jardim onde eles cometeram o pecado não era mau. A decisão que eles fizeram é que foi má. O que fizeram com a boa criação de Deus foi mau.

A esfera política é uma entidade criada, assim como a família e a igreja. Foi Deus quem instituiu todas as autoridades governamentais. Quem disser que *por princípio* ele não queria nada com o governo da igreja ou com o governo da família é claramente um quebrador do pacto. O mesmo é verdade quanto a alguém que diz que *por princípio* ele não queria nada com o governo civil.

A humanidade é imagem de Deus. Deus é Governador sobre toda a criação; ele nos chamou para ser governadores debaixo do seu único governo. A esfera civil ou política é uma área de atividade governamental legítima. Ela é suja (isto é, má) quando homens maus praticam esquemas maus. O mesmo acontece com todas as outras áreas de responsabilidade humana: negócios, justiça, educação, trabalho ou seja o que for. O pecado afetou todas as instituições. Isso significa que *a lei de Deus tem chamado toda instituição a juízo*. Resumindo, *nenhuma lei – nenhum pecado* (Romanos 7:7-12). Se alguém diz que a lei de Deus não julga todas as áreas da vida e todas as instituições, essa pessoa está dizendo que essas instituições não são pecaminosas, não estão em rebelião e claramente não são sujas. Mas elas *são* sujas! Portanto, os cristãos devem insistir que o evangelho de Jesus Cristo pode limpar toda instituição do pecado. Deus nos deu um *evangelho abrangente* que oferece *redenção abrangente*.

Sal e luz são necessários por causa da realidade do pecado. Os cristãos deveriam estar envolvidos na política mesmo sendo ela suja. Quem mais tem os meios para limpar a política (ou qualquer outra área de atividade humana)? Se os cristãos não têm, quem terá? Os cristãos têm ficado de fora da política, tornando sua corrupção ainda mais pronunciada.² A resposta não é consignar ainda mais a política à

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em Outubro/2006.

² Nota do tradutor: No que diz respeito ao Brasil, a presença de alguns “evangélicos” na política não torna essa afirmação errônea, pois, com pouquíssimas (se é que alguma) exceções, tais políticos podem ser tudo, menos cristãos. Espero que num futuro próximo, quando alguém ler essa nota (oxalá algum dos meus filhos!), o mesmo possa dar graças a Deus pelo fato do quadro ser totalmente outro.

corrupção, ignorando seu potencial como uma área para redenção e restauração.

A Bíblia nunca condena o envolvimento político. João o Batista não repreendeu Herodes por sua posição política, mas por suas ações pecaminosas como governador. Jesus não disputou com Pôncio Pilatos se ele deveria governar ou não, mas somente lembrou-o *o porquê* ele governava e, implicitamente, por qual padrão governava. Paulo chama os governadores de “ministros” de Deus, servos na esfera política (Romanos 13:4). Paulo apela a César, o centro do poder *político* Romano, para ganhar o direito de ser ouvido.

O desejo de escapar das preocupações políticas é recente dentro da nossa história. John Witherspoon, um ministro da Igreja Presbiteriana e Presidente da Universidade de Nova Jersey (que se tornou mais tarde Princeton), foi um signatário da Declaração de Independência. Aqueles que modelaram a Constituição, “com não mais que cinco exceções (e talvez não mais que três), . . . eram membros ortodoxos de uma das comunidades cristãs estabelecidas: aproximadamente vinte e nove Anglicanos, dezesseis a dezoito Calvinistas, dois Metodistas, dois Luteranos, dois Católicos Romanos, um Quaker desviado que era algumas vezes Anglicano, e um Deísta declarado – o Dr. [Benjamin] Franklin, que freqüentava todo tipo de adoração cristã, exigia orações públicas e contribuía com todas as denominações”.³

Fonte: *Ruler Of The Nations: Biblical Principles for Government*, Gary DeMar, p. 127-8.

³ M. E. Bradford, *A Worthy Company* (Marlborough, New Hampshire: Plymouth Rock Foundation, 1982), p. viii.